

«Instante Decidido»

“Os problemas de composição, de escala, de cor e mesmo os assuntos são comuns à pintura e à fotografia.”
Jeff Wall

“Um instante decidido” parte da célebre expressão de Henri-Cartier Bresson para quem a fotografia consistia na procura do “instante decisivo”. Desde aí, muitos têm sido os fotógrafos que tem explorado outras possíveis vertentes na área da Fotografia, que tem se assumido como uma expressão autónoma dentro das Artes Visuais. O território da Fotografia expandiu-se, em particular na segunda metade do século XX, a diversas formas, de carácter ortogonal: registo de um momento ou de uma acção performativa, construção de uma narrativa real ou ficcionada, veículo de transmissão de um pensamento ou preocupação social.

Inúmeras são as motivações e as expressões que os fotógrafos contemporâneos procuram neste “*expanded field*” da prática artística [Rosalind Krauss]. No caso de Cláudio Garrudo e Jaime Vasconcelos a fotografia extravasa o tal “instante decisivo” no sentido em que ambos recorrem ao legado da pintura e apropriam-se de duas das suas características fundamentais: a composição cromática e a noção de tempo. Por um lado, a pintura, por definição, trata da cor e em ambos encontramos uma preocupação e um sentido estético que os aproximam do domínio da pintura. Diferentes linguagens, diferentes processos criativos, diferentes suportes, contudo o mesmo olhar, a mesma sensibilidade cruzam o trabalho destes fotógrafos com o de inúmeros artistas plásticos contemporâneos e clássicos. Por outro lado, a noção de tempo que em muito se assemelha ao tempo da pintura. Importa recuperar as palavras de Bill Viola: “Uma das coisas que sempre me fascinou quando estudava pintura na faculdade de arte era a ideia de que podia haver um tempo na pintura. As teorias artísticas falam frequentemente de como o olho percorre o quadro e como é capaz de abordar o quadro. A visão como um acto de tempo, como expansão do tempo no encontro que uma pessoa tem com a pintura. (...) Existe um tipo de relação religiosa entre os pintores e os objectos.”. Encontramos em Garrudo e Vasconcelos esse tempo, denso, profundo, pensado e, portanto, intencional. Daí o título desta mostra: um instante porque é sempre disso que trata a fotografia, e decidido pela cumplicidade mística e construída entre o objecto fotografado e o fotógrafo.

Contudo, ainda que explorando aproximações da fotografia à pintura, Cláudio

Garrudo e Jaime Vasconcelos divergem nos processos formais e nas abordagens artísticas. Em Garrudo a fotografia nasce a partir do momento em que é encontrada a perfeita combinação de enquadramento, luz, atmosfera e intenção através do seu olhar de profunda sensibilidade, particularmente atento às narrativas e emoções do quotidiano. Um misto de contemporâneo, pelos lugares e temas abordados, e clássico, pela forma como a luz é captada, do qual resultam fotografias de forte cariz plástico. Em “Empty beds”, presente nesta exposição, encontramos referências à história de arte, em particular à pintura como Edward Hopper [1882-1967] ou Johannes Vermeer [1632-1675]. Nesta série são retratados espaços de passagem, temporariamente “habitados”, palcos de encontros ou desencontros, de momentos de comunhão ou solidão. Atendendo à forma como as fotografias são apresentadas (imagem de pequeno formato, envolvida numa enorme mancha de passpartout branco), o visitante é convidado, num acto de voyeurismo, a espreitar como se de um buraco de fechadura se tratasse.

Em contrapartida, Vasconcelos recorre à Fotografia como ferramenta, uma etapa do processo que prossegue em suporte digital, onde a cor assume um total protagonismo. A cor como assunto e a luz como suporte é a simbiose que podemos encontrar na série “A Raia, onde é bem visível a influência de Mark Rothko [1903-1970]. Este segundo núcleo da exposição consiste num conjunto de imagens de alguns dos lugares mais marcantes nas relações fronteiriças entre Portugal e Espanha. Após o registo fotográfico, Vasconcelos recorre a processos digitais para introdução dos elementos cor e forma, que acentuam a sua interpretação subjectiva destes lugares e que consideram a história e a memória de cada um.

Neste início de século as fronteiras entre as várias disciplinas diluem-se, fundem-se e encontram-se em novos territórios, explorando novos meios e suportes, a imagem, seja em pintura, fotografia ou em vídeo, é um dos temas da nossa contemporaneidade. Nas vanguardas da prática artística são debatidas possíveis aproximações entre a Pintura e a Fotografia, sendo esta **exposição um desses exercícios.**

Ana Matos
Fevereiro, 2009